



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MERYLANE CÂNDIDO DOS SANTOS**

**BURLANDO REGRAS E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS EM REDE: A  
EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS NO FACEBOOK**

**CAMPINA GRANDE  
2013**

**MERYLANE CÂNDIDO DOS SANTOS**

**BURLANDO REGRAS E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS EM REDE: A  
EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS NO FACEBOOK**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marta Lúcia de Souza Celino

CAMPINA GRANDE  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

S237b

Santos, Merylane Cândido dos.

Burlando regras e construindo significados em rede  
[manuscrito] : a experiência de crianças no facebook. /  
Merylane Cândido dos Santos, 2013.

57 f. il. : color.

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação  
em Pedagogia) – Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Educação, 2012.**

“Orientação: Profa. Dra. Marta Lúcia de Souza  
Celino, Departamento de Pedagogia”.

1. Rede Social 2. Comunicação 3. Cibercultura  
4. Netnografia I. Título.

21. ed. CDD 302.2

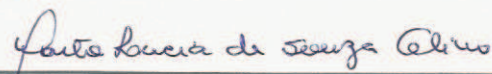
MERYLANE CÂNDIDO DOS SANTOS

**BURLANDO REGRAS E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS EM REDE: A  
EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS NO FACEBOOK**

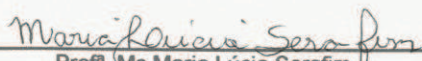
Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em: 05/09/2013

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_

Prof.ª Dr.ª Marta Lúcia de Souza Celino  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_

Prof.ª Ms Maria Lúcia Serafim  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_

Prof. Ms Francisco José Dias da Silva  
Examinador

CAMPINA GRANDE  
2013

Ao meu Deus por tudo que me proporciona na vida e por ser sempre fonte de inspiração.

Aos meus pais, os quais amo muito, pelo exemplo de vida e família.

A meus irmãos por toda ajuda a mim oferecida até hoje.

A todos os professores e amigos que conquistei ao longo de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela proteção divina, pela saúde e paz a mim concedidas e por Ele ser fonte de toda minha inspiração.

Aos meus pais, Marluce Cândido dos Santos e José Barros do Santos pela educação e cuidado e toda dedicação a mim dada como filha. Sendo eles os primeiros a acreditar no meu potencial.

Aos meus cinco irmãos, Melquias, Melzaque, Melquisedeque, Mérica e Meryellem, pela paciência, pela ajuda, pelo carinho, pela presença ativa em todos os momentos de minha vida.

Em especial a minha querida irmã e professora orientadora Dr<sup>a</sup> Marta Lúcia de Souza Celino, pela disponibilidade, carinho e dedicação na orientação e no desenvolvimento de toda a pesquisa, a ela dirijo meus sinceros agradecimentos por acreditar no meu trabalho e no meu esforço como aprendiz.

A professora Ms. Maria Lúcia Serafim, pelas disciplinas cursadas com ela durante o curso e por ser também uma das professoras que nos incentivou e instigou a vontade de aprofundarmos os estudos na área de educação mídias e tecnologias.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, do departamento de educação do curso de Licenciatura em Pedagogia e a todos os amigos e colegas de curso que de uma forma direta e indiretamente contribuíram para o nosso crescimento profissional e pessoal.

[...] a história não tem cessado de nos mostrar que qualquer novo meio de produção de linguagem e de processos comunicativos também produz novas formas de conteúdos de linguagem, produzindo simultaneamente novas estruturas de pensamento, outras modalidades de apreensão e intelecção do mundo, ao mesmo tempo em que tende a provocar profundas modificações nos modos de ver e viver e nas interações sociais.

Lucia Santaella

## RESUMO

O mundo vive a chamada era da globalização em que é comum uma criança possuir e fazer uso dos mais diversos aparelhos tecnológicos que a cultura digital e o ciberespaço podem lhes oferecer. O que pensar das crianças que fazem uso das redes sociais nas suas interações sociais, em que se apresentam e dão novos significados ao mundo a sua volta numa cultura que é própria da cibercultura? O entendimento de que as crianças, na atualidade, experienciam outros modos de viverem a infância impulsionou-me a investigar o processo de construção de significados das crianças usuárias da rede social *Facebook*, procurando compreender a forma de ser e de viver das crianças no mundo contemporâneo em meio às novas tecnologias de comunicação e de informação. Para tanto, realizou-se uma pesquisa em que foi usado como metodologia a netnografia, particularmente com a utilização da observação no ambiente do Facebook, onde foram coletados os dados. Tomou-se como sujeitos da pesquisa 10 crianças (5 meninas e 5 meninos) da nossa rede de amigos no *Facebook*. O estudo se fundamentou em autores como: Couto Junior (2012), Sarmiento (2008), Ariès (1981), Veen & Vrakking (2009), Vygotsky (1989), Mercado (2012), dentre outros. O estudo mostrou que mesmo burlando regras, as crianças estão presentes no *Facebook*, fazendo uso cada vez mais dessa rede social para se comunicar e se relacionar. Revelam, portanto, uma nova maneira de se relacionar com o mundo e demonstram sua visão sobre a escola. Tais achados nos revelam que a escola precisa abrir os olhos para essa realidade no sentido de repensar suas práticas e inserir as novas interfaces tecnológicas nas experiências de ensino em classes de crianças.

Palavras-chaves: Criança. Facebook. Cibercultura. Netnografia.



## ABSTRACT

The world lives in the era of globalization, it is common for children to possess and to make use of various technological devices that digital culture and cyberspace can offer them. What to think that about the children who use the social networks in their social interactions, where they introduce and give new meaning to the world around them in a culture that belongs to cyberculture? Understanding that children, in actuality, experiencing other ways of living childhood spurred me to investigate the process of constructing meanings of children using the social network Facebook, trying to understand the way of being and living of children in the contemporary world among the new technologies of communication and information. Therefore, we carried out a research methodology that was used as netnography, particularly with the use of observation in the Facebook environment, where the data was collected. It was observed 10 children (5 girls and 5 boys) from our network on Facebook. The study was based on authors such as: Junior Couto (2012), Sarmiento (2008), Aries (1981), & Vrakking Veen (2009), Vygotsky (1989), Market (2012), among others. The study showed that even circumventing rules, children are on Facebook, making more and more use of this social network to communicate and relate to. Reveal, therefore, a new way of relating to the world and show their vision of the school. These findings reveal that the school needs to open their eyes to this reality in order to rethink their practices and insert the new technological interfaces on the experiences of teaching children.

Key - Words: Children. Facebook. Cyberculture. Netnography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|             |   |    |
|-------------|---|----|
| Figura 1 -  | Imagem do perfil da usuáriz(perfil 1)             | 36 |
| Figura 2 -  | Imagem do perfil da usuária (perfil 2)            | 36 |
| Figura 3 -  | Imagem do perfil da usuária (perfil 3)            | 37 |
| Figura 4 -  | Imagem do perfil do usuário(perfil 4)             | 37 |
| Figura 5 -  | Imagem do perfil do usuário (perfil 5)            | 38 |
| Figura 6 -  | Imagem do perfil da usuária (perfil6)             | 38 |
| Figura 7 -  | Imagem do perfil da usuária (perfil 7)            | 39 |
| Figura 8 -  | Imagem do perfil do usuário (perfil 8)            | 39 |
| Figura 9 -  | Imagem do perfil do usuário (perfil 9)            | 40 |
| Figura 10-  | Imagem do perfil do usuário (perfil10)            | 40 |
| Figura 11-  | Data de nascimento do perfil 2 e do perfil 3      | 41 |
| Figura 12-  | Foto com amigos publicada pelo usuário (perfil 8) | 42 |
| Figura 13 - | Frase escrita do perfil 1                         | 43 |
| Figura 14 - | Frase escrita do perfil 5                         | 43 |
| Figura 15 - | Escrita do perfil 8                               | 44 |
| Figura 16 - | Frase escrita do perfil 10                        | 44 |
| Figura 17 - | Frase escrita do perfil 5                         | 44 |
| Figura 18 - | Frase publicada no mural da usuária perfil1       | 45 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 19 - frase e foto publicada no mural da usuária perfil 6                            | 45 |
| Figura 20- Imagem postada pela usuária perfil 2 mostrando a premiação ganha na escola..... | 45 |
| Figura 21 Vídeo publicado pela usuária perfil 6 registrando um momento em família.....     | 47 |
| Figura 22 - Vídeo compartilhado pela usuária perfil 7                                      | 47 |
| Figura 23 - Aplicativos mais jogados para usuária perfil 6 no facebook.....                | 49 |
| Figura 24 - Imagem compartilhada sobre a escola da usuária (perfil 5).....                 | 50 |
| Figura 25 - Frase publicada pela usuária (perfil 1)sobre a escola.....                     | 51 |
| Figura 26- Imagem do perfil 9 que mostra a concepção que ele tem dos professores.....      | 52 |
| Figura 27 - Imagem compartilhada pelo perfil 6 sobre os professores.....                   | 52 |
| Figura 28- Imagem publicada pelo perfil 9 sobre os professores.....                        | 52 |
| Figura 29- Imagem postada pelo perfil 8 que mostra como ele ver a escola.....              | 53 |
| Figura 30- Imagem compartilhada pelo perfil 5 sobre a escola.....                          | 53 |
| Figura 31 - Imagem compartilhada pelo perfil 1 sobre a escola.....                         | 53 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 13 |
| <b>1 A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA</b> .....  | 16 |
| <b>2 A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....   | 24 |
| <b>2.1 As crianças na cibercultura</b> .....   | 28 |
| <b>3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</b> .....  | 30 |
| <b>3.1 O Facebook como campo de investigação</b> .....   | 30 |
| 3.1.1 Como pesquisar no Facebook: delineando o caminho trilhado.....                                   | 31 |
| <b>3.2 A delimitação dos sujeitos</b> .....  | 33 |
| <b>3.3 A coleta de dados</b> .....   | 34 |
| <b>4 AS CRIANÇAS NO FACEBOOK</b> .....   | 35 |
| <b>4.1 Como se apresentam as crianças pesquisadas no perfil?</b> .....                                 | 35 |
| <b>4.2 Que textos estão sendo produzidos pelas crianças no Facebook?</b> .....                         | 43 |
| <b>4.3 Que códigos são usados pelas crianças nos seus processos comunicacionais no Facebook?</b> ..... | 46 |
| <b>4.4 O que mais gostam de fazer as crianças no Facebook?</b> .....                                   | 48 |
| <b>4.5 Como o espaço escolar está sendo representado pelas crianças no Facebook?</b> .....             | 49 |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 55 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 57 |

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive transformações sociais e culturais que emergem da nova forma de ser e de viver no século XXI, essas transformações fazem parte da produção de conhecimentos em rede e de novas formas de comunicação e relacionamento entre pessoas e artefatos tecnológicos, existentes na cibercultura o que revela um novo olhar, para com as crianças de nosso século, as chamadas crianças digitais que nasceram em uma era tecnológica em que é comum a elas fazer uso das novas tecnologias de seu tempo.

Vivemos em um século em que nossas concepções estão a todo tempo mudando, isso porque a sociedade também muda e com ela a forma como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras. No tocante a infância, é bem real que vivemos em um tempo que não se concebe mais pensar a criança, de forma geral, como um ser desprotegido, inocente, indefeso e altamente dependente do adulto.

A percepção da presença infantil na rede mundial de computadores interagindo e fazendo uso de artefatos tecnológicos, nos levou a investigar o processo de construção de significados das crianças usuárias da rede social *Facebook*, procurando compreender sua forma de ser e de viver no mundo contemporâneo das novas tecnologias de comunicação e de informação.

O estudo apresenta a rede social *Facebook*, como uma interface que vem interconectando um número considerável de usuários nos processos comunicacionais da cibercultura em sua fase atual. Do qual podemos pensar reflexivamente a interação infantil dentro desses espaços de comunicação e interação social.

Para realização da pesquisa e interpretação dos dados, buscamos auxílio nas contribuições de autores como: Ariès (1981), Sarmiento (2008), Couto Junior (2011 e 2012), Kohan (2012), Mercado (2012) e outros. Para nos orientarmos na investigação, tomamos alguns objetivos específicos como: Realizar estudos sobre a legalidade e permissão de perfis de crianças na rede social *Facebook*; Averiguar por meio de levantamento de dados, que recursos comunicacionais estão sendo usados pelas crianças pesquisadas nas suas

interações habituais no *Facebook*; Compreender por meio da interpretação dos dados coletados durante a pesquisa, a forma de expressão e de apresentação habitual das crianças pesquisadas no *Facebook*; Perceber como as crianças produzem conhecimentos em rede e de que forma esses conhecimentos podem ser significativos para entender o cotidiano escolar. A abordagem netnográfica forneceu aporte teórico metodológico imprescindível ao estudo, uma vez que foi possível através da netnografia estudar as práticas sociais na *internet* e o significado destas para seus participantes.

O texto que ora apresentamos foi estruturado em cinco capítulos, onde procuramos discutir em cada capítulo uma temática que se propõe responder a pesquisa em seus objetivos primeiros.

No primeiro capítulo “A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA” procuramos discutir a concepção de infância e de criança que surgiram desde a idade média até os dias atuais, buscando conceituá-las a luz dos estudos sobre a infância.

No segundo capítulo intitulado “A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE” procuramos apresentar a proposta de educação para as crianças na contemporaneidade, e ainda discutimos a relação das crianças com a cibercultura e o ciberespaço.

No terceiro capítulo “APRESENTAÇÃO DA PESQUISA”, abordamos o *Facebook* como campo de investigação, apresentando e justificando a realização da pesquisa nesse espaço. Tratamos nesse capítulo dos caminhos percorridos durante toda pesquisa, apresentando os dados e as interpretações a eles dado.

No quarto capítulo “AS CRIANÇAS NO FACEBOOK”, descrevemos em detalhes a presença das crianças na rede social *Facebook*, bem como suas experiências como usuárias desse espaço. Tratamos ainda de apresentar as interpretações que as crianças estão atribuindo ao mundo e os códigos por elas usados nas relações comunicacionais dentro do *Facebook*. Enfatizamos também nesse texto as estratégias de burlar regras da criação de perfil na rede social aqui estudada. Buscando descrever as interpretações dos dados e a forma como as crianças que ali se encontram pensam e consideram os

espaços escolares, julgamos ser importante para as escolas e seus sujeitos refletirem suas ações e práticas escolares no século XXI.

No quinto e último capítulo tecemos as nossas considerações finais do estudo, onde apontamos e refletimos sobre a importância da pesquisa e sua relevância para a área da educação.

## 1 A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE INFÂNCIA E DE CRIANÇA

Para entender a infância do século XXI, se faz necessário compreender o conceito de infância e de criança que foram construídos historicamente e socialmente ao longo dos séculos. No mundo globalizado que vive a sociedade contemporânea, são comuns questionamentos como: o que é infância? O que é criança? Será que essas duas palavras têm o mesmo significado? Será que seus conceitos são imutáveis e não passaram por transformações ao longo do tempo e da história? A criança dos séculos passados é a mesma do século presente? As respostas para essas e muitas outras indagações são encontradas na história, principalmente no campo das ciências humanas e sociais. O aprofundamento do conhecimento nesse sentido nos ajuda a entender a concepção de infância e o comportamento de nossas crianças em pleno século XXI, a tão conhecida geração que nasceu e vive na era da tecnologia e da comunicação, que desperta em nós um novo olhar para a infância e para a criança, que considera a infância como categoria social diferenciada da adulta, e que ver a criança como membro e sujeito ativo da sociedade.

Compreendemos primeiramente como surgiu historicamente o sentimento da infância a luz de algumas das produções escritas sobre a infância e a criança. O que sabemos do surgimento da palavra infância, é que tem origem latina e que nasceu há mais de vinte séculos. Para muitos tem seu nascimento associado às normas e aos direitos; para outros, seu nascimento está relacionado à falta, ou seja, à incapacidade, Sarmiento (2008). Esse sentimento segundo alguns autores inexistia quase que totalmente na sociedade medieval do século XII, como afirma um dos pioneiros nos estudos sobre a infância, o autor e historiador francês Philippe Ariès.

Os estudos iconográficos de Ariès (1981) sobre a infância serviu-nos como fonte inicial para o entendimento como de fato surgiu o sentimento de infância e como as crianças eram tratadas nas sociedades que nos antecederam. Sendo assim, é preciso entender que o conceito de infância difere do de criança. A infância é uma idéia, ou seja, uma concepção que se tem da infância, que surge conforme o tempo histórico e a sociedade em que a criança



está inserida, já a criança é um ser, sendo ela sujeito ativo da sociedade em que vive. Distinção essa afirmada pelos estudos atuais da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia.

A criança em si existia como existe até hoje, ou seja, sempre existiram independentemente das concepções que se tinham delas, o que parecia não existir de fato na idade média era um sentimento que valorizasse a infância como categoria de vida social diferenciada da adulta. Ariès (1981) nos diz que os homens dos séculos X, XI e XII, não demonstravam interesse para a imagem da criança. A infância era um período de vida logo ultrapassado e cuja lembrança também era logo perdida.

Até por volta do século XIII, às crianças eram consideradas como um adulto em tamanho reduzido. Na iconografia de Ariès ele percebeu que nas telas, as crianças eram reproduzidas como um adulto em escala menor, distinguindo apenas em tamanho.

Na sociedade medieval a criança ingressava no mundo dos adultos e não se distinguia mais destes, a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, aos sete anos ou mais, ou seja, a criança passava a ser considerada um "adulto em miniatura", e a viver como tal. As crianças aprendiam no convívio direto com os adultos, logo que deixavam de depender das suas mães, saíam de suas casas e iam aprender com os ensinamentos tradicionais dos adultos, nesse período a criança não significava muito para seus pais. Dessa forma, o desenvolvimento da criança ocorria através das relações que eram estabelecidas com os mais velhos. As atitudes dos adultos eram refletidas nas atitudes das crianças.

Para Ariès (1981) o conceito de infância é uma construção histórica e social, e muda historicamente em função de determinantes sociais, culturais, políticos e econômicos. Defende em sua tese a desmistificação de um conceito único, acredita que existem "infâncias" e não a "infância" desconstruindo assim a concepção burguesa sobre a infância que se tinha na idade média.

Surge então no século XIV um novo tema sobre a infância o da "infância sagrada", este voltado para a religião, a infância nesse período estava ligada à igreja, as crianças eram representadas pela figura do menino Jesus, como

anjos adolescentes, durante os séculos XIV e XV. (Id.,lb.) ainda destaca que, neste período, a criança começa a ocupar o lugar central na família devido à ligação da mesma com a figura dos anjos e são tidas como seres puros e divinos. Esse tipo medieval de ver a infância foi mudando, mas, ainda por muito tempo esteve ligado à religião.

Nos séculos XV, XVI e XVII a infância deixa sua ligação com a religião e passa por uma laicização<sup>1</sup>, a criança agora passa a aparecer junto da família, surge assim, outro sentimento de infância, um sentimento de assistência, e é dentro desse contexto que surge a preocupação das famílias com o bem estar, educação e saúde das crianças. A escola agora vem para ocupar o lugar da família, o que antes aprendiam com os adultos agora aprendiam na escola, mesmo ocorrendo essas transformações, a que tratamos até agora, é só no século XVIII que surge um novo sentimento e conceito sobre a infância, um conceito considerado por Ariès como moderno, nessa nova perspectiva a criança sai do anonimato e passa a ser apreciada como ser que precisa de proteção do adulto para que cresça e seja um adulto perfeito em todos os âmbitos da sociedade, era preciso preparar a criança para ser adulto.

É na idade moderna que a criança passa a assumir papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família têm grande preocupação com sua saúde e sua educação.

É preciso entender que os estudos iconográficos de Ariès e da maioria dos escritos sobre a infância foram escritos sobre a ótica do adulto. Os estudos de Ariès (1981) não são verdades absolutas sobre o sentimento real habitado nesses séculos, contudo, sabe-se que a história registrada por Ariès é a história da família da classe média. Fora desse contexto existiram as infâncias pobres que suas histórias não foram contadas e registradas, sendo assim, os estudos de Ariès, servem para que possamos refletir sobre um tempo em que a criança não era considerada como um ser que tem particularidades e

---

1. Exclusão e abandono de tudo que está relacionado à religião.

singularidades em si, que é sujeito de sua história e não apenas objeto de estudo.

No que se refere à concepção de criança, como um ser singular e particular, como alguém com necessidades específicas de afeto e atenção, Del Priore (2000) nos diz que já nas primeiras décadas do século XIX, os dicionários assumiram o uso reservado da palavra criança para a espécie humana. Assim, as crianças tornaram-se o centro das atenções e passaram a ser tema e possibilidades de estudos e observações. Desta forma, aos poucos, a criança vai assumindo identidade, voz e estatuto legal. Podemos ver que a criança no período do século XII até o século XVII foi classificada em tipos (ARIES, 1981). Um primeiro tipo de criança foi à criança como anjo puro e santo, remetendo a uma infância santa, esse sentimento encantador da tenra infância permaneceu até o século XVII. Em um segundo tipo a criança passa a ser sozinha por ela mesma, daí o grande valor em possuir fotos dos filhos pela família.

As concepções apontadas por Ariès são contraditórias em si no que se refere ao ser criança, a primeira concepção emerge dos moralistas onde as crianças eram consideradas como seres incompletos, amorais, que precisavam ser moralizadas, adestradas e educadas pelo adulto. Já segunda concepção que Ariès nos apresenta é a que emerge do interior da família, onde a criança era concebida como um ser engraçado, puro e que precisava de afetos e cuidados.

Outras concepções de criança vão surgindo ao longo da modernidade, onde podemos destacar a de Rousseau (1712-1778) que considerava a criança como ser inocente defendendo a infância numa visão romântica, ou a de Piaget (1896-1980) que considerava a criança como ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Ainda dentro desse contexto destaca-se a concepção que emerge da Sociologia que considera a criança como ser social que produz cultura própria da infância.

Para muitos autores a ideia de infância como conhecemos hoje surgiu com a sociedade industrial capitalista, assim como se mudava os papéis e a inserção social da criança, mudavam-se também o conceito de infância dentro

deste contexto. Macêdo (2011) diz que é preciso pensar a infância como uma categoria histórica e não como um estágio de vida.

As transformações do conceito de infância são resultados não apenas das mudanças e da evolução natural dos costumes, mas do afeito de mudanças de interesses sociais, políticos e econômicos da sociedade em que vivem as crianças. A modernidade tenta nos impor uma representação de infância de um rosto só, quando na verdade existem diversos rostos que devem ser levados em consideração na nossa sociedade moderna. Angel (2004, p.106) diz que:

[...] a infância moderna apresenta-se sob múltiplos e multiformes rostos, nos quais refletem-se horrores marcas deixadas neles pelo impacto da realidade social e econômicas que constitui as condições de vida da maioria da população infantil desde o fim do século XVIII e, particularmente, durante o XIX, persistindo até os dias de hoje em países como o Brasil tanto na América Latina quanto na África.

A compreensão das raízes da concepção de infância contemporânea como criação da modernidade, nos leva a perceber que a criança do século passado jamais poderá ser a mesma do século presente ou do século futuro. É importante lembrar que outros estudiosos da história da infância discordam da concepção da inexistência histórica de infância apresentada por Ariés, a exemplo de Heywood (2004) que afirma categoricamente em seus estudos que havia sim infância na idade média, mesmo sendo esse um período da História em que a sociedade não dava a importância devida para infância em si.

No que se refere aos estudos sobre a infância contemporânea sabemos que passam por uma renovação, esse campo de estudos, vive seu momento de progresso e desenvolvimento nos planos teóricos, epistemológicos e metodológicos. A infância no campo das ciências humanas e sociais ao longo do século XX tinha suas publicações restringidas apenas à Psicologia, segundo Sarmiento (2008) as crianças eram tomadas como objeto de uma psicologia do desenvolvimento que muito pouco dialogou com outros importantes campos do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia e a História numa perspectiva interdisciplinar. A concepção que emerge dessa renovação é uma concepção de uma infância como categoria geracional<sup>2</sup>, idealizando a infância como categoria social distinta da adulta, concepção que surgiu no século XX. A

---

2. Conceito referente à geração advindo da sociologia que define a infância como categoria que faz parte da geração presente.

criança nessa perspectiva sai do lugar de objeto das investigações passando a ser sujeito ativo das investigações.

A concepção de infância proposta por Kohan (2008) é a de um novo olhar, ou seja, um novo modo de se pensar a infância a partir do que ela tem e não do que lhe falta. As nossas crianças precisam ser valorizadas na heterogeneidade da infância nas suas experiências de vida na sociedade globalizada, nesse aspecto não cabe mais um olhar de passividade ou de reprodução para com o “ser” criança.

E assim, transcorreram historicamente as diversas concepções sobre a infância desde a idade média até a pós-modernidade. É importante lembrar que todas essas concepções surgem e vão sendo construídas, conforme o tempo e sociedade a que vivem os indivíduos, quando nos referimos a infância hoje jamais podemos imaginar a criança de anos e anos atrás.

Nossa sociedade vive um século de mudanças de concepções, em que não se concebe mais, pensar a criança como um ser inocente, indefeso e dependente única e exclusivamente da ação do adulto. Muito pelo contrário, é comum pensar a criança em nossos dias como um ser ativo, que pensa sobre o mundo e interage com criticidade e autonomia aos acontecimentos a sua volta. Se na idade média se questionava o seu lugar na sociedade, hoje, em pleno século XXI podemos perceber que a infância é caracterizada pelo dinamismo, as crianças não vivem fora, mas inseridas na sociedade contemporânea, e grande parte dessas mudanças acontecem por causa da globalização, e pelo avanço e acesso as tecnologias da informação e da comunicação.

A chamada geração tecnológica a que fazem jus parte de nossas crianças, faz coisas e vive diferentemente de tempos remotos. Veen e Vrakking (2009) usam o termo *HOMO ZAPPIENS* para chamar a geração de crianças nascidas depois de 1990. Segundo esses autores essas crianças não conhecem o mundo sem o uso da internet e das tecnologias. Os autores se referem a essa geração, como geração de crianças que nasceram com o mouse nas mãos. A criança de hoje é o reflexo da interação com o mundo exterior ao seu redor.

No contexto da geração tecnológica em que nossas crianças estão inseridas, a escola passa a ser concebida pelas crianças como algo fora de seu

tempo e tudo o que acontece nela não alcança de modo geral o interesse delas, por isso as crianças preferem viver maior parte de seu tempo em outros ambientes que não seja o da escola. Veen e Vrakking (2009, p. 12) afirmam que:

*O Homo zappiens é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégias de jogo, e sabe se comunicar muito bem. Sua relação com a escola mudou profundamente, já que as crianças e adolescente Homo zappiens consideram a escola apenas um dos pontos de interesse em suas vidas.*

A atual geração de crianças inclui sujeitos históricos, atores sociais que interagem coletivamente construindo novos significados, e resignificando o mundo. As crianças são sujeitos das instituições modernas como: a escola, a família, os espaços de lazer e da cibercultura conceito que discutiremos posteriormente. Este último, como um dos espaços que vem sendo cada vez mais ocupado pelas crianças, coloca ao alcance delas múltiplas possibilidades de interação e de ampliação das relações sociais por intermédio de novas redes e artefatos tecno-sociais.

Estudos como os de Couto Júnior (2012) nos dão conta de entender que novos processos educativos estão sendo gerados nas redes sociais, onde ele estuda o caso do *Facebook* para entender as relações de ensino-aprendizagem de jovens usuários do *Facebook* que ocorrem por intermédio do potencial comunicacional das redes sociais, seu estudo ressalta a relevância da dinâmica cibercultural do *Facebook* na constituição de processos de ensino-aprendizagem interativos e co-autorais que colocam em xeque as práticas educativas individuais e autorais próprias da cultura tipográfica, trazendo novas pistas para se pensar a educação contemporânea, particularmente a educação de crianças. É nesse contexto que enfatizamos a presença de crianças na mesma rede social por ele pesquisada, procuramos entender como elas vem forjando suas subjetividades a partir das relações que estabelecem com o uso do *Facebook*.

Entendemos que o presente estudo pode desencadear reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no interior da escola, demandando

análises sobre o que e o como ensinar na contemporaneidade diante de uma nova sociedade em rede.

Com efeito, o tema da educação contemporânea será tratado no próximo item procurando destacar o papel da educação e da escola como instituição que tem compromisso e implicação com as novas gerações, numa perspectiva cidadã.

## 2 A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE

O século XXI é considerado o século da revolução tecnológica, da globalização e da comunicação em massa, a sociedade moderna tem avançado rapidamente em muitos aspectos, todos esses aspectos trazem consigo mudanças de paradigmas, culturais, sociais, econômicos e educacionais para a sociedade. No contexto das mudanças ocorridas, podemos notar o homem como peça central dessas mudanças, por muito tempo o homem foi considerado um ser passivo e reprodutor de paradigmas já existente nas sociedades, o homem agora em pleno século XXI, passa de reprodutor a construtor, ele agora precisa romper com paradigmas antigos e estabelecer novos paradigmas para orientar a nova geração na qual vive.

A educação nesse contexto também passa por mudanças que induzem a questionamentos necessários a todos os sujeitos envolvidos no ambiente escolar. O que é educar no século XXI? Qual o papel da escola no processo de aprendizagem? Que aluno se quer formar nas sociedades contemporâneas? Qual o papel da educação na era da informação? Quais as perspectivas para a educação nesse terceiro milênio? Todos esses questionamentos giram em torno de uma educação voltada para o que nos diz Gadotti (2000) que no Século XXI, numa sociedade que utiliza cada vez mais as tecnologias da informação, a educação tem um papel determinante na criação de outros mundos possíveis, mais justo, fértil e sustentável para todos. A educação contemporânea busca estabelecer uma nova educação, que respeite acima de tudo a heterogeneidade dos indivíduos, principalmente no que se refere à aprendizagem, a socialização e o desenvolvimento humano.

De forma sucinta iremos recuperar alguns documentos que nos orientam no tocante a garantia dos direitos e deveres dos cidadãos e as diretrizes para a educação no Brasil. A educação no Brasil é conduzida por leis e diretrizes, nos debruçemos um pouco em alguns desses documentos.

Promulgada no dia 5 de outubro de 1988, a atual Constituição Federal do Brasil, é considerada um dos primeiros e mais importantes documentos elaborados sob a forma da lei que promove a educação como um direito de todos os cidadãos, é a maior lei criada no Brasil, define os direitos dos



cidadãos, sejam eles individuais, coletivos, sociais ou políticos, e estabelece limites para o poder dos governantes.

Temos também a elaboração do ECA (Estatuto Da Criança e Do Adolescente) que surge da lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é uma lei, fruto da luta de movimentos sociais, profissionais e de pessoas preocupadas com as condições e os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil. É importante lembrar que o Estatuto Da Criança e Do Adolescente é elaborado com base em leis internacionais. Todos os direitos de proteção para as crianças e adolescentes no Brasil deve se orientar segundo os direitos e deveres certificados nesse documento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) foi promulgada em 20 de dezembro de 1996, é outro documentado que garante o direito a educação de nossas crianças ela é, pois, a legislação que regulamenta o sistema educacional público ou privado, da educação básica ao ensino superior do Brasil. Nela estão contidos todos os princípios gerais da educação. Historicamente a LDB passou por três versões a primeira foi elaborada em 1961, a segunda em 1971, a terceira e atual elaborada em 1996. Baseada no princípio do direito universal à educação para todos a LDB, passa por inúmeras atualizações e reformulações, a mais recente ocorre, por meio da lei 12.796, de 4 de abril de 2013, que institui a obrigatoriedade da matrícula de crianças com 4 anos na escola. Não é mais uma opção e sim uma obrigação. Essas são leis que regem a educação das instancias educacionais em nosso século, e é por elas que se pretende também que a educação incida realmente.

A Comissão Internacional sobre Educação, que elaborou o relatório "Educação: um tesouro a descobrir" de Jaques Delors<sup>3</sup>, buscando as formas de como a educação poderia responder as exigências do século XXI, apresenta assim a UNESCO, os 4 pilares necessários a educação, sendo eles a base de toda educação. Os princípios contidos nesse relatório pretendem promover uma educação como desenvolvimento humano. No desenvolvimento do novo

---

<sup>3</sup> Foi autor e organizador do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado: Educação, um Tesouro a descobrir (1996), em que se exploram os Quatro Pilares da Educação.

homem se faz necessário que esse mesmo passe pelas quatro aprendizagens proposta por Jaques Delors, que são: aprender a conhecer - aprender a fazer - aprender a viver juntos - aprender a ser.

O novo homem deve **aprender a conhecer**, ou seja, precisa dominar os instrumentos do conhecimento, sempre desejando melhorar sua capacidade de aprender, nesse sentido, deve desenvolver competências cognitivas e a compreensão do mundo que o cerca na construção de novos conhecimentos. Também deve **aprender a fazer** em decorrência do aprender a conhecer, implica no desenvolvimento de capacidades que envolvem experiências sociais e de trabalho diversas que permitam às pessoas enfrentarem, de forma mais legítima, às diversas situações e a ter um melhor desempenho no trabalho em grupo. O novo homem deve **aprender a viver**, isso implica no desenvolvimento da compreensão do outro, nas relações coletivas, pois é necessário que o homem desenvolva valores necessários à convivência harmoniosa na sociedade. Ainda deve **aprender a ser**, aprender a ser uma pessoa reflexiva e crítica capaz de construir a sua própria história com bastante decência.

Ainda no bojo da educação para o futuro, destacamos o que Edgar Morin em seu livro “Os sete saberes necessários a educação do futuro”, editado pela UNESCO (2003), discorre sobre o conhecimento: este pode sofrer as contingências do “erro” e da “ilusão”, se fazendo necessário dentre outras coisas, ensinar “os princípios do conhecimento pertinente<sup>4</sup>; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; e a ética do gênero humano” (MORIN, 2003, p.12). Os eixos enumerados por Morin (id.) se constituem como caminhos para uma educação cidadã de crianças e adolescente em pleno século XXI.

A educação contemporânea de uma forma geral visa à formação de um novo mundo e de um novo sujeito que tenha desenvolvimento pleno, que atue ativamente e criticamente no novo mundo, daí a importância de uma adequada elaboração de políticas públicas e leis sob uma nova visão educacional, que considere como já falamos anteriormente um novo homem. E nesse sentido, a

---

<sup>4</sup> Para maiores informações ler Morin (2003).

educação e o conhecimento se configuram como principais meios de promoção desse novo mundo, a educação contemporânea tende responder as perguntas: o que é educar? Para que educar? E como educar? E trazendo para o contexto da infância é um desafio novo educar as crianças no século XXI, mas se queremos um país mais justo e uma educação que realmente atenda as necessidades de nossas crianças é preciso encarar o desafio, pois ele é o caminho para uma educação de qualidade para todas as crianças.

A educação passa por transformações aceleradas, tudo que se aprende corresponde ao que se vive em determinadas épocas da história. Hoje estamos vivendo a revolução digital, não se concebe mais práticas tradicionais no tocante a educação de crianças, que não contemplem a formação cidadã, a educação contemporânea assim, passa pela a idéia de modernidade. As novas tecnologias que surgem, vem permitindo a difusão do conhecimento através, principalmente, da *internet*, evidente que o conceito de modernidade não passa apenas pelo uso das tecnologias, mas nos referimos a nova geração na qual estão inseridas todas as nossas crianças.

A cultura digital e o ciberespaço é o mundo delas, e é nesse espaço, que procuramos discutir o tema da nossa pesquisa: (BURLANDO REGRAS E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS EM REDE: A EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK). Assim como os adultos, as crianças estão cada vez mais povoando os espaços virtuais e fazendo uso da *internet* de modo semelhante ao que os adultos fazem. E essa observação nos leva a pensar e refletir sobre a educação de crianças voltada apenas para o ambiente escolar, desconsiderando a grande possibilidade que a *internet* pode trazer de positivo para a aprendizagem e para o ensino no século XXI.

As possibilidades que o mundo virtual podem nos trazer para a educação não estão desvinculadas do real, se bem aproveitadas pela escola podem contribuir para a aprendizagem escolar e de vida das crianças de nossa era, esse conteúdo será discutido no próximo tópico, onde procuramos enfatizar a cultura digital (cibercultura) e a sua influência na formação da identidade das crianças.

## 2.1 As crianças na cibercultura

Iniciaremos essa discussão entendendo o conceito de cibercultura a luz de alguns autores, que dão conta de estudar as relações comunicacionais e sociais mediadas pelo uso das tecnologias da informação e da comunicação no século XXI.

O termo cibercultura, segundo Lévy (1999, p.17), designa “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nessa mesma obra o autor também define ciberespaço como sendo “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (id., ib., p17). A relação entre a cultura digital e o ciberespaço acontece simultaneamente, sendo o segundo o suporte para a inteligência coletiva. Para Lévy a cibercultura desde seu início fundamentava-se em três princípios: (a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva). Lévy (op.cit.) entende a cultura digital como a expressão humana na era da comunicação e da tecnologia, sendo configurada como o modo de ser e de viver dos sujeitos contemporâneos.

Podemos com Rüdiger (2004, p.54), entender que a cibercultura pode ser percebida dentro de um “[...] movimento histórico, a conexão dialética entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética).”

A cibercultura é conceituada também por Santaella (2012)<sup>5</sup> em uma conferência, como “uma cultura que se desenvolve de modo similar as novas formas de vida, numa sopa biótica propícia”. E encontra a sua face nas telas dos computadores, nas suas requisições e possibilidades, diz Santaella. A cibercultura não é só apenas resultado do crescente desenvolvimento tecnológico de nossa era, mas, é a representação também da evolução cultural da sociedade em si, podemos concluir que a cibercultura indica um novo modo de viver e de se relacionar com o outro na sociedade global e digital. De modo que não se pode desviar a criança dessas novas formas de viver de se

---

5 Conferência proferida pela Profa. Dra. Lúcia Santaella (PUC/SP) durante o 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife. Novembro de 2012. (YOU TUBE)

relacionar e de se comunicar. Como já discutimos antes, as crianças estão cada dia mais fazendo uso da internet e dos artefatos que as novas tecnologias da informação lhes oferecem, essa é a realidade de nossas crianças em plena era tecnológica, é bem verdade que cresce cada dia o número de crianças que vivem conectadas cotidianamente e se relacionando via internet, seja *off-line* ou *on-line*. As crianças fazem parte da cultura digital, elas nascem e crescem em rede, não se pode negar essa realidade.

Na mesma direção, Veen e Vrakking (2009), nos asseguram que as crianças que fazem parte da cultura digital diferem das gerações passadas, porque nasceram e vivem na era digital, o uso das tecnologias influenciam o modo de pensar, o comportamento e bem como o modo viver de nossas crianças. Veen e Vrakking (2009, p.29) dizem que as crianças:

Sendo os primeiros seres digitais, cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa. As crianças de hoje passam horas de seu dia assistindo à televisão, jogando no computador e conversando nas salas de bate-papo. Ao fazê-lo, elas processam quantidades enormes de informações por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios.

As crianças estão na maior parte de seu tempo se utilizando da *internet* ou até mesmo fazendo uso das tecnologias de seu tempo, como jogando vídeos games, falando ao celular, enviando *e-mails*, *SMS*, assistindo TV, ouvindo música no celular, MP4, *iPod*, *iPhone* e em outras mídias, e com surgimento das redes sociais, podemos perceber a presença das crianças interagindo nos espaços virtuais, de forma como nunca antes poderíamos imaginar, nos levando a inferir que há uma nova subjetividade em movimento no que se refere às crianças contemporâneas.

A ênfase na relação das crianças com a cultura digital, particularmente no que se refere ao uso da rede social *Facebook* será apresentada no item seguinte, onde descreveremos essa interface de interação social, bem como a pesquisa realizada, procurando entender as experiências e a construção de significados em rede das crianças que são usuárias da rede social *Facebook*.

### 3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

#### 3.1 O Facebook como campo de investigação

Sabemos que em todo o mundo que o *Facebook* é a rede social que mais cresce em números de usuários e de acessos na internet, superando até mesmo outras redes sociais como o *Orkut*, o *Twitter*, o *Myspace* e outras. Patrício e Gonçalves (2010) destacam que o *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo como espaço de encontro, compartilhamento, interação e discussão de idéias e temas de interesse comum.

O *Facebook* foi criado em fevereiro de 2004, na universidade de Harvard, Estados Unidos, pelo então estudante de Ciência da Computação Mark Zuckerberg com a ajuda de seus amigos Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz.

A criação de novos perfis de usuários na rede social *Facebook* é crescente a cada ano, em 2012 já alcançava a marca de 800 milhões de usuários em todo mundo. As possibilidades comunicativas e interativas proporcionadas pelo *Facebook* são inúmeras, seus usuários têm a possibilidade de conversar *on-line* em tempo real, postar imagens, vídeos, fotos, sons, curtir, comentar e compartilhar toda, e qualquer tipo de informação. Essas são algumas das possibilidades que seus usuários podem usufruir quando estão navegando na interface da rede social *Facebook*. A maioria das crianças não está à margem dessa dinâmica, acessam a internet e as redes sociais habitualmente, não apenas de computadores portáteis ou de mesa, mas, também de dispositivos móveis como celulares, *tablets* e outros, dos quais são portadoras.

O Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil (*on-line*) desenvolveu em 2011 um levantamento onde se confirmou a presença de crianças nas redes sociais que já era notável em observações de perfis infantis em *sites* como o *Orkut* e o próprio *Facebook*. Mediante esse dado exposto, destacamos a presença de crianças como usuárias ativas da rede social *Facebook*, mesmo descumprindo as regras e os termos de criação de um perfil do próprio *Facebook*, que determina que só possa ser criados perfis no *Facebook* a partir dos 13 anos de idade, observamos freqüentemente que as crianças com idade menor estão burlando

essas regras e cada vez mais fazendo uso desse espaço virtual para se comunicar e para se relacionar com outras pessoas, ou seja, as redes sociais para essas crianças são como espaços de aprendizagens colaborativas e de troca de experiências e principalmente de lazer, descontração e entretenimento. Partindo desse pressuposto, é que justificamos nossa escolha fazendo do *Facebook* o campo de investigação.

### 3.1.1 Como pesquisar no Facebook?

Como usuária ativa da rede social *Facebook* desde 2009, deparamos constantemente com postagens das mais diferenciadas, publicadas, curtidas, comentadas ou compartilhadas por algumas crianças na interface da nossa página no *Facebook*, interrogávamos acerca da presença de crianças nas redes sociais, conhecendo que pelas regras não era permitido a essas crianças possuírem perfil no *Facebook*. Buscamos então, através da pesquisa entender por meio da observação<sup>6</sup> as interações comunicacionais das crianças usuárias do *Facebook*.

Acreditamos que a observação também é um dos instrumentos usados na realização de uma pesquisa referente à educação e a comunicação como nos diz Couto Junior (2011, p.1): “[...] há formas variadas de se realizar uma pesquisa no campo da educação e comunicação a partir dos usos das diferentes interfaces digitais”. Ainda nos diz sobre a observação Montardo e Rocha (2005, p.28) que: “Uma das possibilidades de se estudar o imaginário virtual e seus atores sociais se faz pelo método da observação. Assim como é comum para a Antropologia, a observação no ciberespaço é relevante”.

Uma das primeiras indagações que buscávamos responder era como realizar a pesquisa em um ambiente totalmente virtual e mais especificamente em uma rede social. Foi preciso assim, buscar suporte teórico em estudos que nos orientasse nesse sentido. Encontramos nos estudos de Couto Junior (2012), Gutierrez (2009), Mercado (2012), Montardo e Rocha (2005) a base teórica para a metodologia da pesquisa. Surgem, então, dessas buscas, o conhecimento e a compreensão da netnografia virtual como um caminho para o

---

6.Método utilizado para realização e coleta de dados da pesquisa.

desenvolvimento da pesquisa. Optamos, pois pela netnografia virtual como proposta mais adequada para a coleta de dados na rede social *Facebook*.

A netnografia virtual é um estudo realizado no ambiente da internet (ciberespaço), essa é uma recente metodologia usada no campo da educação, mas que se encontra em ascensão. Esse termo vem do termo etnografia que segundo Baztán (apud MONTARDO e ROCHA, 2005, p.3) consiste em um “[...] estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de algum de seus aspectos fundamentais, sobre a perspectiva de compreensão global da mesma”.

Através da netnografia é possível, como vimos ter um olhar detalhado das relações que as crianças estão praticando nos espaços virtuais, que significados estão elas atribuindo cotidianamente ao mundo ao qual vivem. Trazendo o conceito de netnografia, Mercado (2012. p.167) nos diz que a mesma abre possibilidades de ser:

[...]um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade.

Gutierrez (2009) conceitua a netnografia como um processo em desenvolvimento onde a figura do pesquisador e suas ações e escolhas serão estabelecidas dentro do contexto dos pesquisados, não se exigindo seguir uma estrutura rígida, tudo dependerá do que vem do campo da pesquisa dos movimentos, das estruturas e das práticas sociais e culturais dos sujeitos históricos nos espaços virtuais.

Já Konizetis (2010, p.3) entende a abordagem netnográfica como uma abertura de um leque de possibilidades que ajudam ao pesquisador a perceber que:

[...] a abordagem netnográfica é adaptada para ajudar o pesquisador a estudar não apenas fóruns, chats e grupos de discussão, mas também blogs, audiovisuais, fotografias, comunidades de podcasting, mundos virtuais, jogadores de videogames em rede e sites de redes sociais.

Em resumo, a netnografia se propõe a investigar um conjunto de objetos comunicacionais no ambiente da internet, como os *sites* de redes sociais. A escolha de a pesquisa ser realizada no ambiente do ciberespaço da *internet* e



na rede social *Facebook*, se deu pela freqüência de acesso de nossa parte a mesma, bem antes da pesquisa já possuíamos perfil na rede social *Facebook*, os acessos diários fazem parte de nossa vida não só apenas como pesquisadora, mas como usuária das novas tecnologias de nosso tempo. A freqüência de acessos foi o que nos motivou e nos encorajou a estudar com mais profundidade a presença e as relações das crianças no uso desse espaço virtual.

### **3.2 A delimitação dos sujeitos**

Tendo em vista a serem alcançados os objetivos, se fez necessário delimitar o número de crianças a serem pesquisadas por um período de tempo. Ficou, assim, estabelecido realizar a pesquisa com 10 sujeitos, que deveriam fazer parte inicialmente da nossa rede de amigos. Surgiu nesse momento da pesquisa um acontecimento relevante que queremos destacar: observando as que faziam parte da nossa rede de amigos do *Facebook*, constatamos que só tínhamos seis crianças fazendo parte da nossa rede, foi preciso então, aumentar o número para que então totalizasse a quantidade de 10 a serem inseridas na pesquisa.

Escolhemos uma das crianças que já fazia parte de nossa rede de amigos para que por meio dela, pudéssemos escolher as outras crianças que ainda faltavam, para qual enviaríamos a solicitação e pedido de amizade no *Facebook*, mas, algo nos levava a questionar: Será que essas crianças aceitariam de pronto a nossa solicitação de amizade já que não nos conhecíamos, apenas tínhamos uma amiga em comum? Para nossa surpresa, as solicitações foram todas aceitas no mesmo dia, o que mostrou que o acesso dessas crianças a *internet* é diário. Dividimos os pesquisados em dois grupos (5 meninas e 5 meninos). Subentendemos, pois, que a idade dos pesquisados se encaixava na faixa etária entre 9 a 12 anos, aproximadamente. Essa conclusão foi possível pela observação das fotos e dos perfis dos mesmos.

Para nomear os pesquisados usamos para cada uma das 10 crianças o termo “PERFIL”, seguido de uma numeração (PERFIL 1, PERFIL 2, PERFIL 3 ...) e assim por diante. O termo “PERFIL” foi escolhido por acharmos melhor adequado e propício a cultura digital que emerge das interações no *Facebook*.

### **3.3 A coleta de dados**

A coleta de dados de pesquisa na internet precisa ser bem organizada, pois, podem-se perder os dados coletados em fração de segundos, pela dinâmica da própria internet, foi muito importante definir como seriam juntados e agrupados todos os dados da pesquisa. Os dados na pesquisa netnográfica é que irão desvendar e revelar as informações e descobertas é, pois a principal parte e mais importante passo da pesquisa. “A coleta de dados ajuda a analisar ponto a ponto os fatos ou fenômenos que estão ocorrendo em uma organização, sendo o ponto de partida para a elaboração e execução de um trabalho” Simioni (2010, online).

Dessa forma, foi preciso agruparmos todos os dados em pastas criadas no computador, em forma de arquivos (imagens copiadas) e salvos, para posterior interpretação. Os dados foram coletados seguindo uma rotina semanal, visitávamos o perfil de cada usuário (a) (criança), salvando e arquivando tudo que pudesse ser fonte de interpretação para a pesquisa.

A pesquisa de dados iniciou-se em dezembro de 2012, indo até abril de 2013. Foram cinco meses de observação e coleta de dados das crianças que resultaram na produção de conhecimentos descrita no capítulo seguinte.

## 4 AS CRIANÇAS NO FACEBOOK

Buscar compreender como vivem as crianças e suas experiências como usuárias da rede social *Facebook*, revelam que elas estão atribuindo novos significados a vida, ou seja, estão construindo uma nova sociedade e um novo mundo em rede. O pensamento infantil se revela de forma bem diferente de outrora. As crianças enxergam o mundo dentro de uma perspectiva do que possuem e não do que lhes faltam.

O pensamento infantil segundo Vygotsky (1989) estrutura-se a partir das relações sociais estabelecidas entre o sujeito e o mundo exterior, essas relações acontecem dentro do contexto histórico e social, simbólicos da realidade cultural de onde o sujeito atua. As relações comunicacionais das crianças no *Facebook* instauram uma nova dinâmica técnico-social. Os significados dados pelas crianças no *Facebook* aos códigos (imagens, sons, vídeos, textos) estão correlacionados ao tempo e a cultura de sua geração, e fazem parte de um imaginário infantil que começa a ser produzido a partir das potencialidades que a internet disponibiliza aos seus usuários. Destacaremos no tópico seguinte os aspectos que emergiram das observações com crianças no *Facebook* e que serviram como possibilidades de interpretação e ampliação do debate acerca da infância e das crianças nas redes sociais e na internet.

### 4.1 Como se apresentam as crianças pesquisadas, mediante o perfil do Facebook?

No que se refere a apresentação dos perfis das crianças na rede social *Facebook* foi possível perceber que as crianças estão burlando regras e nesse sentido omitindo a idade, pois grande parte se apresentam como sendo maiores de idade ou com mais de 13 anos. Vejamos detalhadamente como se apresentam cada uma das crianças pesquisada nos seus perfis, nas figuras que seguem.

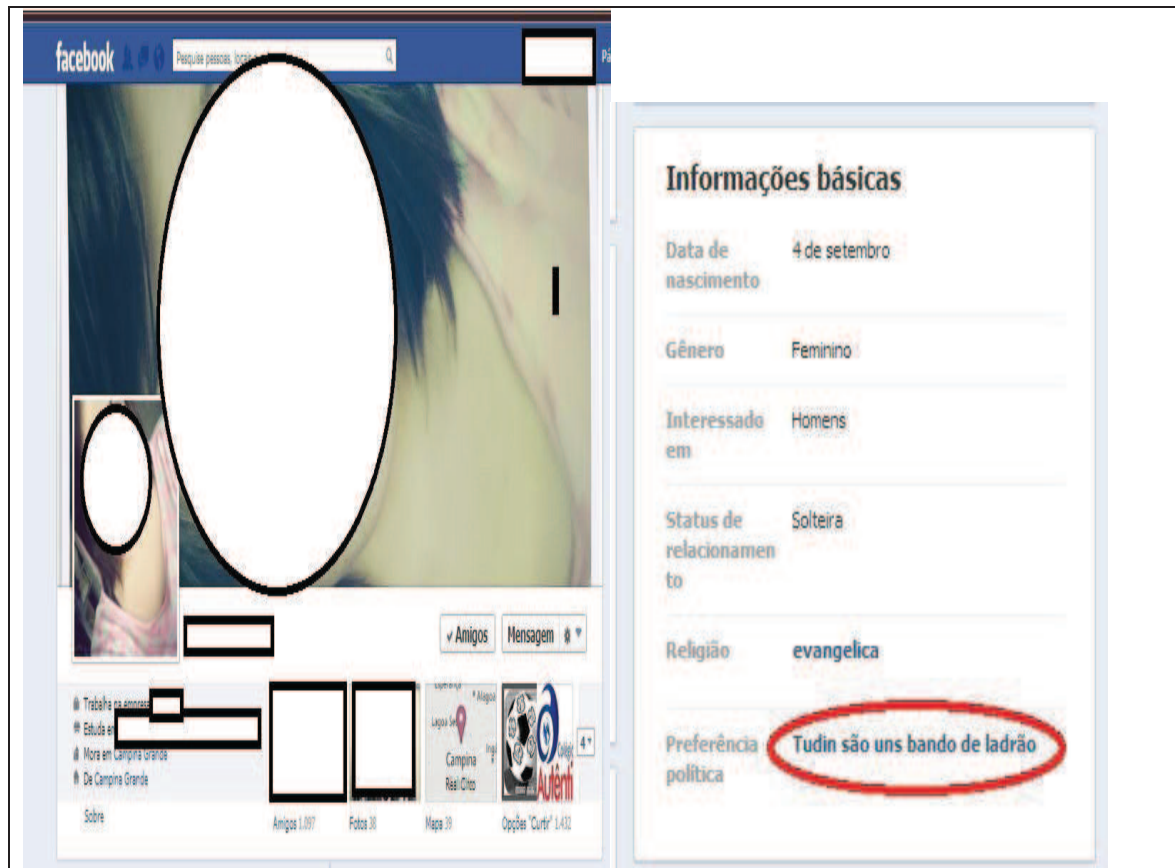


Figura 1 - IMAGEM DO PERFIL DA USUÁRIA (PERFIL1)

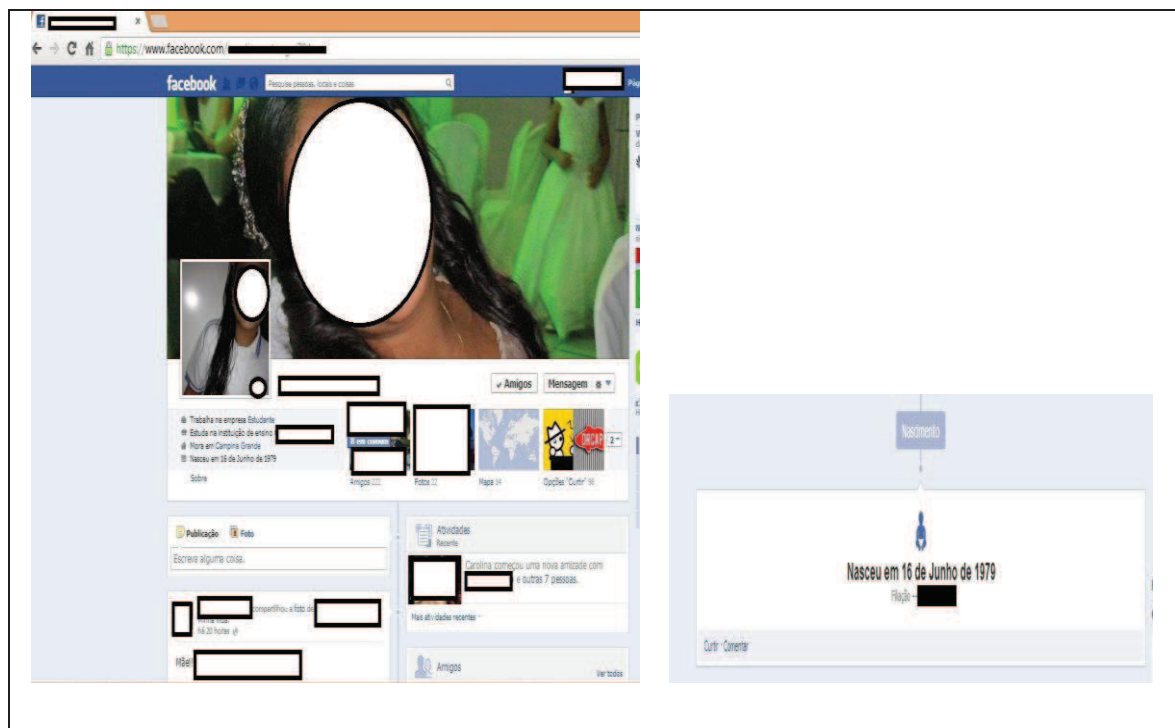


Figura 2- IMAGEM DO PERFIL DA USUÁRIA (PERFIL2)

facebook

Informações básicas

Data de nascimento 4 de abril de 1969

Gênero Feminino

Informações de contato

E-mail [redacted]@facebook.com

Histórico por ano

1969 Nasceu em 4 de abril de 1969

Figura 3 - IMAGEM DO PERFIL DA USUÁRIA (PERFIL 3)

facebook

Informações básicas

Data de nascimento 27 de fevereiro

Informações de contato

E-mail [redacted]@facebook.com

Figura 4—IMAGEM DO PERFIL DO USUÁRIO (PERFIL 4)

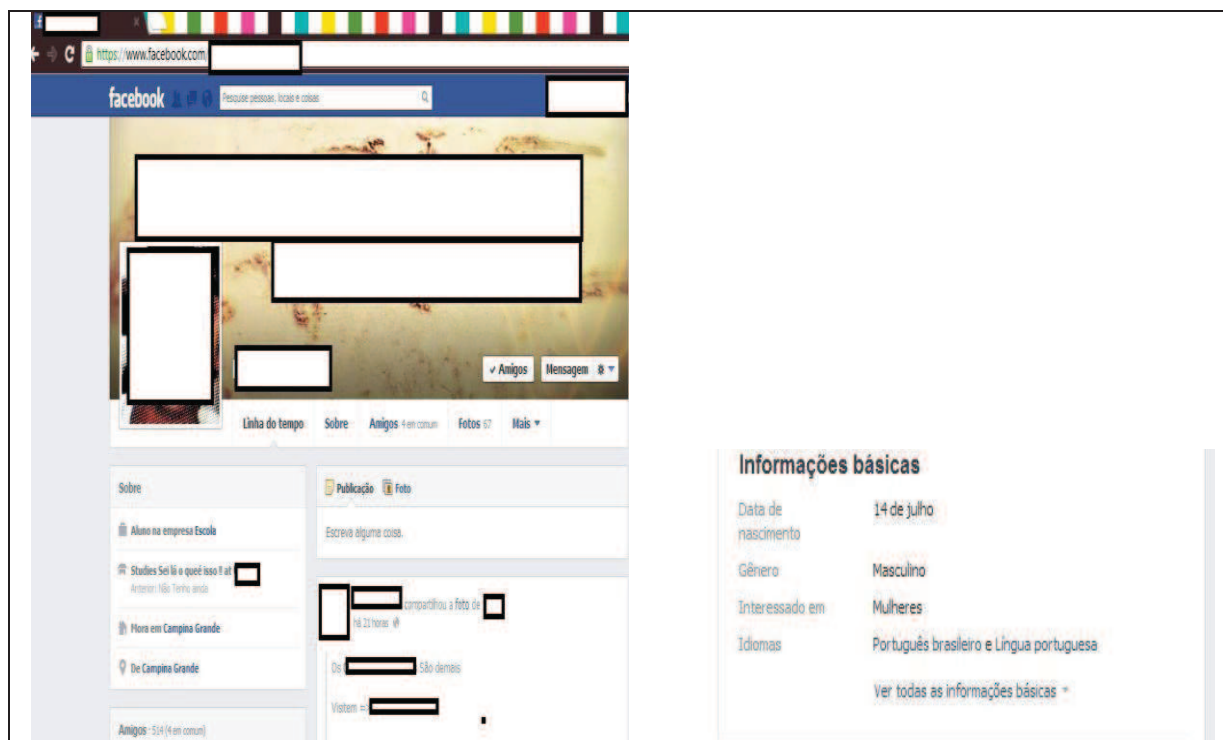


Figura 5- IMAGEM DO PERFIL DO USUÁRIO (PERFIL5)

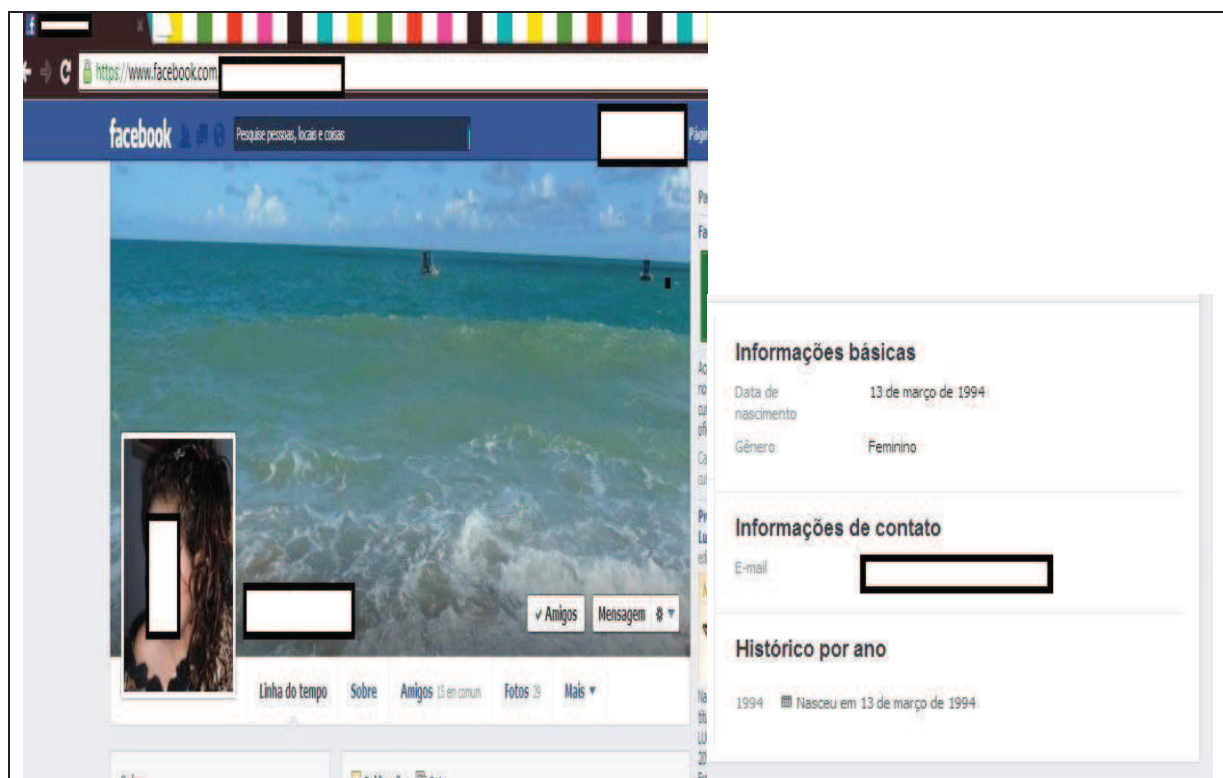


Figura 6- IMAGEM DO PERFIL DA USUÁRIA (PERFIL6)

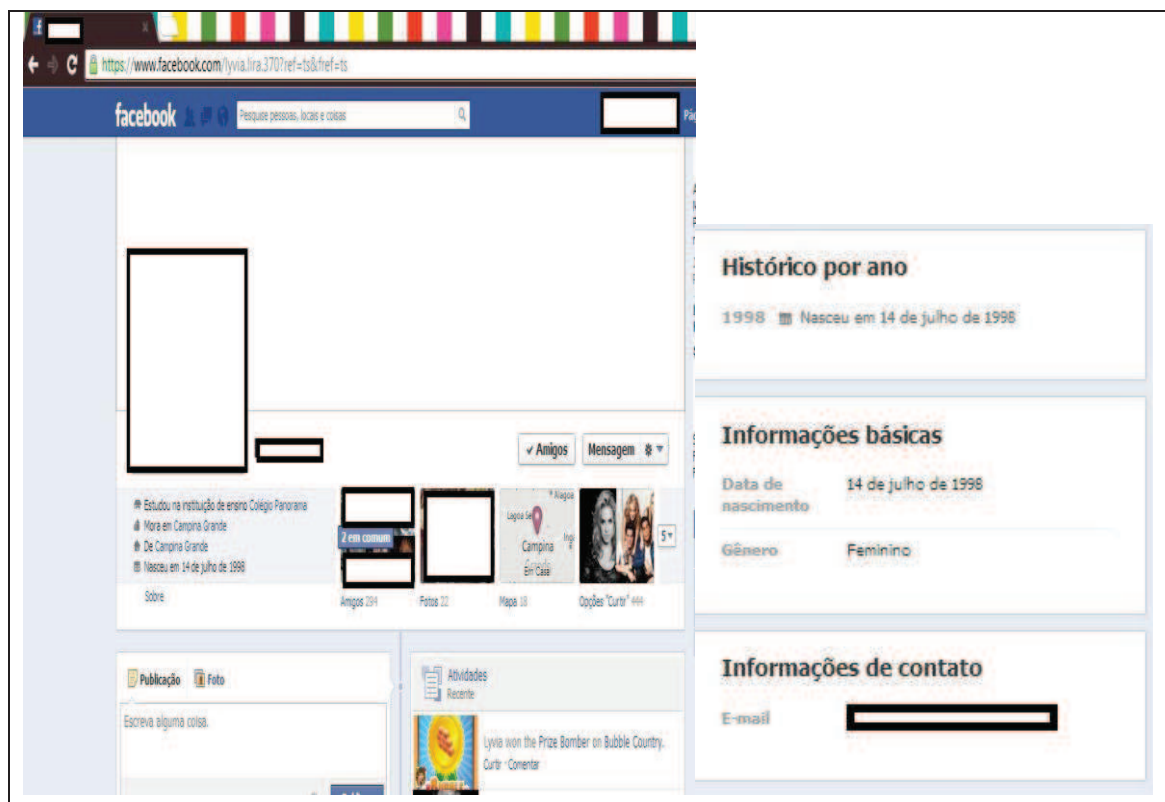


Figura 7– IMAGEM DO PERFIL DA USUÁRIA (PERFIL 7)

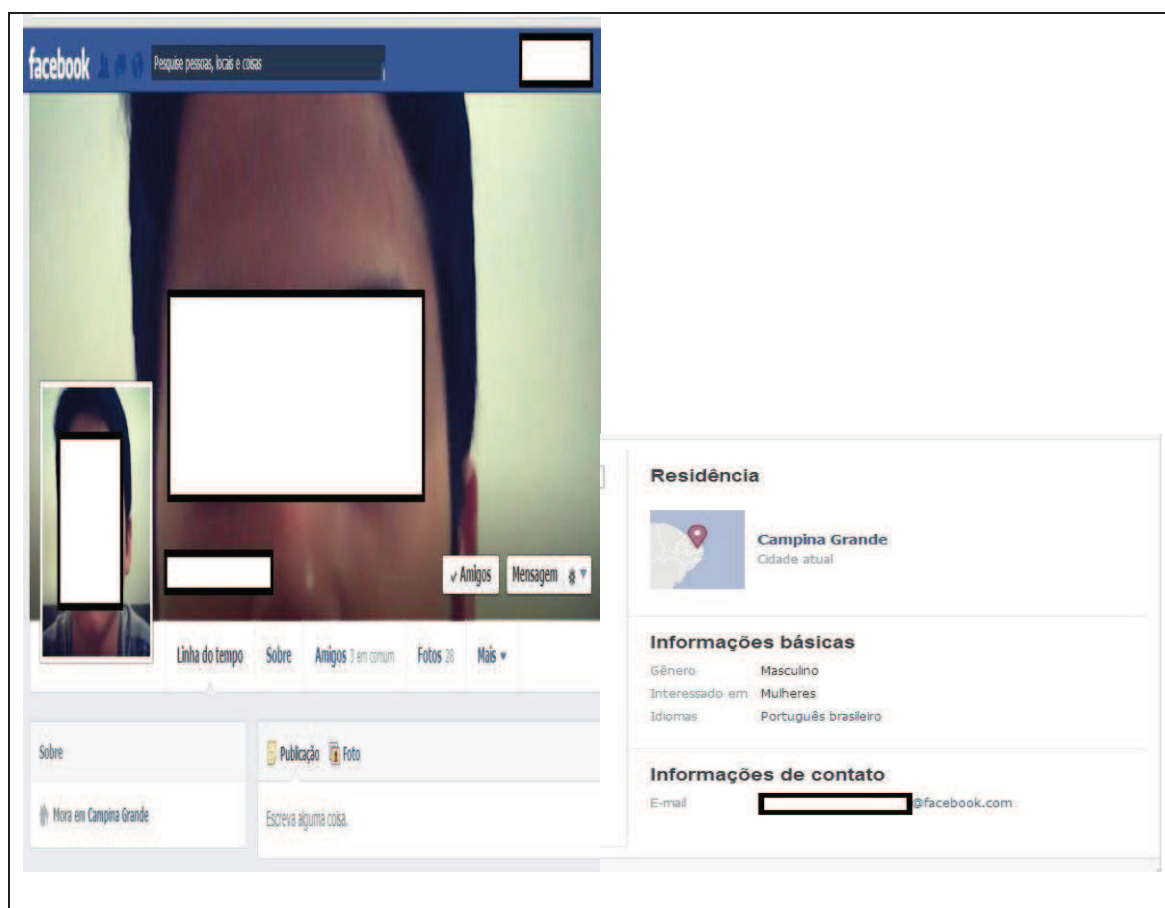


Figura 8 – IMAGEM DO PERFIL DO USUÁRIO (PERFIL 8)



Figura 9- IMAGEM DO PERFIL DO USUÁRIO (PERFIL 9)



Figura 10- IMAGEM DO PERFIL DO USUÁRIO (PERFIL 10)



As apresentações dos perfis das crianças pesquisadas nos revelam que mesmo burlando as regras, as crianças procuram se apresentar tal como são, expondo seus gostos, preferências (política, religiosa e outras). Algumas crianças se identificam com nomes verdadeiros, muitas delas revelam seus endereços, escola onde estudam. Deixando-nos inferir que se sentem “donas ou donos” das suas páginas na internet. Todas as crianças colocam fotos em seus perfis, foto atualizada, mostrando sua imagem para o mundo.

No que se refere à idade todas omitem o ano de seus nascimentos, mas, porém usam data e mês de nascimento corretos, essa é uma estratégia usada pelas crianças para não terem seus perfis excluídos da rede. Podemos assim idealizar que essas estratégias usadas são uma forma de as crianças mostrarem que querem muito o direito de estar ali naquele espaço virtual, assim como os adultos, e de interagirem assim como eles.

As fotos dos perfis das crianças revelam que elas querem ser vista e reconhecidas na rede, e que pouco importa para elas a idade permitida para estarem no *Facebook*. Prova disto são as idades comparadas as fotos dos perfis das USUÁRIAS 2 e 3, que se apresentam na foto uma imagem de criança sendo a idade totalmente contrária a foto, a USUÁRIA (PERFIL 1) tem 34 anos e a USUÁRIA (PERFIL 3) tem 44 anos de idade.

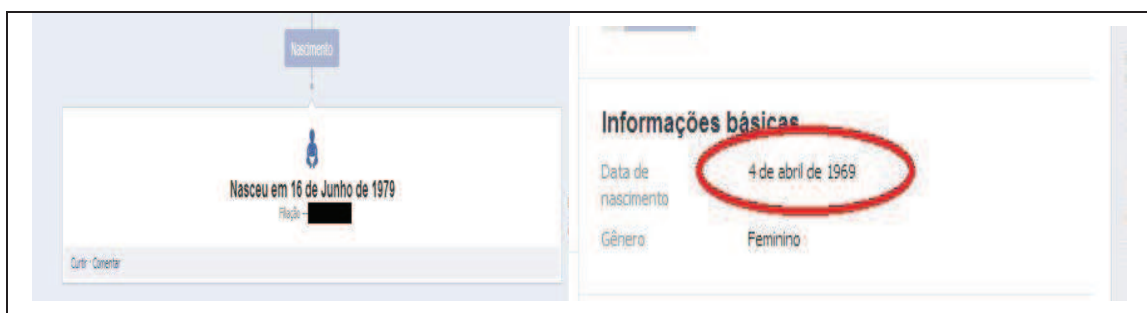


Figura 11- DATA DE NASCIMENTO DO PERFIL 2 E DO PERFIL 3

Outro importante dado que foi possível extrair dos perfis das crianças pesquisadas, se encontra no número de amigos que fazem parte da rede de amigos dessas crianças. O número de amigos de cada perfil pesquisado foi elevado, o que nos leva a acreditar que as crianças no *Facebook* buscam aumentar o ciclo de amizades para mostrar que tem muitos amigos no ciberespaço. Vejamos o número de amigos que possuem as crianças pesquisadas: (PERFIL 1 (1490) amigos, PERFIL 2 (284) amigos, PERFIL 3

(72) amigos, `PERFIL 4 (289) amigos, PERFIL 5 (671) amigos, PERFIL 6 (271) amigos, PERFIL 7 (322), PERFIL 8 (737) amigos, PERFIL 9 ( 171) amigos, PERFIL 10 (748) amigos.

Os laços de amizades no *Facebook* estão ligados, ao que podemos denominar de Amizades virtuais, o que não implica afirmar que esse número elevado de amigos não sejam amizades que não façam parte da vida das crianças e que não tenham elas um contado face a face, como eram construídas as amizades antes da cibercultura. Pelo contrário, é perceptível que a maioria dos amigos dessas crianças é com pessoas que fazem parte do seu convívio social, o exemplo da imagem seguinte da que mostra uma foto publicada pelo usuário PERFIL 8 onde por meio dela o mesmo mostra o carinho que sente dos amigos da escola, fazendo relação entre o virtual e o real mostrando que os dois são inseparáveis, o virtual sempre ligado ao que a criança vive dentro e fora do espaço do *Facebook*.



Figura 12 - FOTO COM AMIGOS PUBLICADA PELO USUÁRIO (PERFIL 8)

#### 4.2 Que textos estão sendo produzidos pelas crianças no Facebook?

Neste item discutiremos as produções escritas pelas crianças pesquisadas no *Facebook*, foi possível percebermos que as crianças assim como na vida fora dos ambientes virtuais, não gostam muito de escrever, ou seja, as poucas produções escritas de autoria própria das crianças são

pequenas frases, em sua maioria frases de felicitações (bom dia, boa tarde...), escrevem frases curtas para comunicar algum recado ou escrevem frases que expressam sentimentos vividos no dia ou no momento. Essas pequenas frases escritas revelam que as crianças estão expressando suas opiniões, sobre diversas coisas. A verdade é que a criança hoje transita entre as mídias, destacando-se ativamente em sua relação com elas, então suas escritas nada mais é que a forma de se expressarem para o mundo, elas não usam o espaço do *Facebook* apenas pra se divertir, mas, para interagir ativamente, se sentindo parte dessa comunidade virtual e social. Vejamos algumas escritas a seguir que foram coletadas durante a pesquisa que confirma o que discutimos nesse parágrafo:

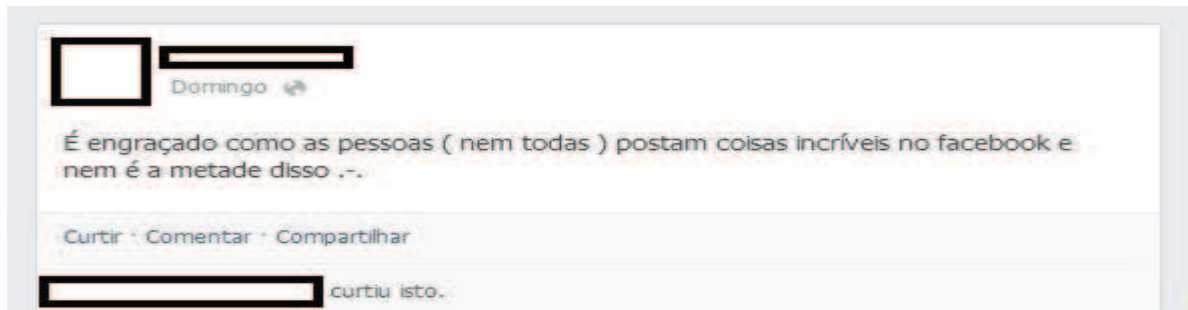


Figura 13 – FRASE ESCRITA DO PERFIL 1

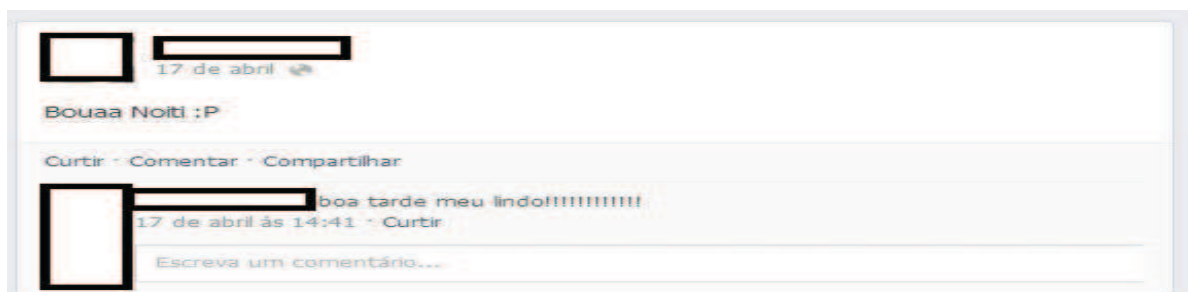


Figura 14 – FRASE ESCRITA DO PERFIL 5

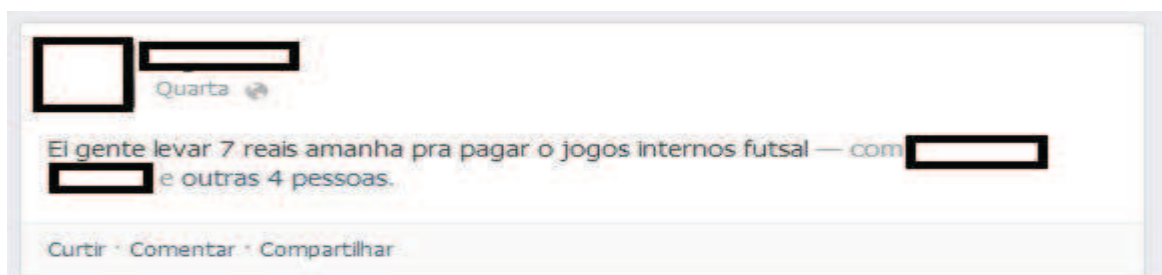


Figura 15 - FRASE ESCRITA DO PERFIL 8



Figura 16 – FRASE ESCRITA DO PERFIL 10



Figura 17 – FRASE ESCRITA DO PERFIL 5

As escritas ainda revelam que as crianças querem mesmo se apresentar como são na rede, e muitas delas usam fotos e frases para transmitir algo aos outros internautas ali conectados com elas. Vejam o exemplo nas imagens a seguir:



Figura 18 -Frase publicada no mural da usuária PERFIL1



Figura 19 - Frase e foto publicada no mural da usuária PERFIL 6



Figura 20 - IMAGEM POSTADA PELA USUÁRIA PERFIL 2 MOSTRANDO A PREMIAÇÃO GANHA NA ESCOLA

A interface do *Facebook* para as crianças é como um diário, elas escrevem tudo sobre suas vidas, e o que irá fazer durante seu dia. Onde estão,

onde foram, é um movimento de informações sobre elas que estão a todo tempo sendo atualizadas como forma de se mostrar ativo no *Facebook*. A necessidade de informarem o que está acontecendo cotidianamente com elas revela que no contexto das relações comunicacionais no ciberespaço principalmente no Facebook, existe o que podemos chamar de a necessidade de expor o “eu” para a “coletividade”, numa relação de troca.

#### **4.3 Que códigos são usados pelas crianças nos seus processos comunicacionais no Facebook?**

Quando o assunto é linguagem na *internet*, podemos perceber que no mundo virtual, a exemplo das linguagens que transitam no universo do *Facebook*, podemos deduzir que as crianças utilizam os mais diversos códigos e símbolos nas suas interações. Códigos esses que fazem parte do movimento de comunicação rápida, tão típico da cibercultura. Nos tempos atuais as crianças mal aprendem a falar, mas já lêem o mundo por meio dos *ícones* e códigos externos no mundo que as cercam. Todo código que circula no *Facebook* é muito dinâmico, atraindo as crianças pela funcionalidade de cada um deles. As crianças pouco escrevem, mas, porém, se utilizam dos códigos para a maioria das relações comunicacionais. Podemos assim, pensar o surgimento de um novo modo de escrever e de se comunicar em rede, em constante movimento.

Foi possível perceber nas interações das crianças observadas no *Facebook*, que as mesmas fazem uso de diversos códigos para se comunicar, para se relacionar, para se mostrar na rede, para divulgar uma informação, para expor uma opinião própria sobre determinado assunto ou tema. Esses códigos estão expressos em forma de imagens, fotos, vídeos e sons, que povoam a maior parte das interações que se dão no espaço do *Facebook* pelas crianças.

As IMAGENS se configuram como o código mais usado pelas crianças, o predomínio de imagens publicadas, curtidas e compartilhadas, revelam uma forma de apreensão e de representação do mundo presentes na cultura digital, cuja relação imagem/linguagem se dar de forma eficaz e prazerosa. De acordo com as observações realizadas na rede social em estudo é possível inferir que

as imagens produzidas pelas crianças nos processos de comunicação estão forjando novas identidades infantis, desmistificando ideias abstratas de infâncias e de crianças.

Os vídeos também são códigos usados pelas crianças no *Facebook*. Percebemos que os vídeos que são postados e compartilhados, são vídeos gravados em momentos em família, parentes, amigos de escola. Que as crianças publicam na rede para mostrar os momentos felizes ou vividos por elas nos diversos espaços sociais. Ainda sobre as publicações de vídeos no *Facebook* pelas crianças, percebemos que os compartilhamentos são de vídeos que estão circulando na rede e que são bastante acessados pelos internautas de todo mundo, que tratam de temas que estão em efervescência. Vejamos nas imagens seguintes os exemplos:



Figura 21 - VÍDEO PUBLICADO PELA USUÁRIA PERFIL 6 REGISTRANDO UM MOMENTO EM FAMÍLIA



Figura 22 - VÍDEO COMPARTILHADO PELA USUÁRIA PERFIL 7

#### 4.4 O que mais gostam de fazer as crianças no Facebook?

Muitas são as atividades que as crianças realizam nas suas interações no *Facebook*, mas, queremos destacar a que mais se apresentou nos dados e imagens que foram possíveis de se observar durante a pesquisa.

O *Facebook* oferece inúmeras opções de entretenimento para as crianças, como os jogos *on-line*: *City ville*, *FarmVille*, *Mini Fazenda*, *MotoCros Nitro*, *Criminal Case* entre tantos que estão presentes na rede social e que as crianças podem acessar ao mesmo tempo que estão interagindo em rede elas adoram jogar, isso revela que a brincadeira, por meio de joguinhos, também perpassa as atividades que as crianças realizam na rede. Como já discutimos anteriormente que as crianças dessa nova geração não conhecem o mundo sem fazer relação com as tecnologias de seu tempo, por isso o desafio e curiosidade que estão presentes nas dinâmicas dos jogos no *Facebook* são para as crianças elementos motivadores para realização de tarefas em rede. E nesse sentido os jogos *on-line* são a preferência das crianças, pois estimulam e desafia a criança a solucionar problemas e a superar obstáculos.

Pelas observações feitas podemos concluir que jogar é uma das preferências que a crianças usuárias do *Facebook* mais gostam de fazer quando estão interagindo em rede. Foi possível perceber que as meninas gostam de jogos relacionados a beleza da mulher, a moda, aos dotes da cozinha, coisas relacionadas ao universo feminino que a mídia e a sociedade defende e impõe como modelo. Já os meninos pelas observações gostam de jogos de aventura. Das 10 crianças pesquisadas e observadas todas possuem aplicativos de jogos e fazem usos destes. Vejam na imagem abaixo os mais jogados no *Facebook* pela usuária PERFIL 6:



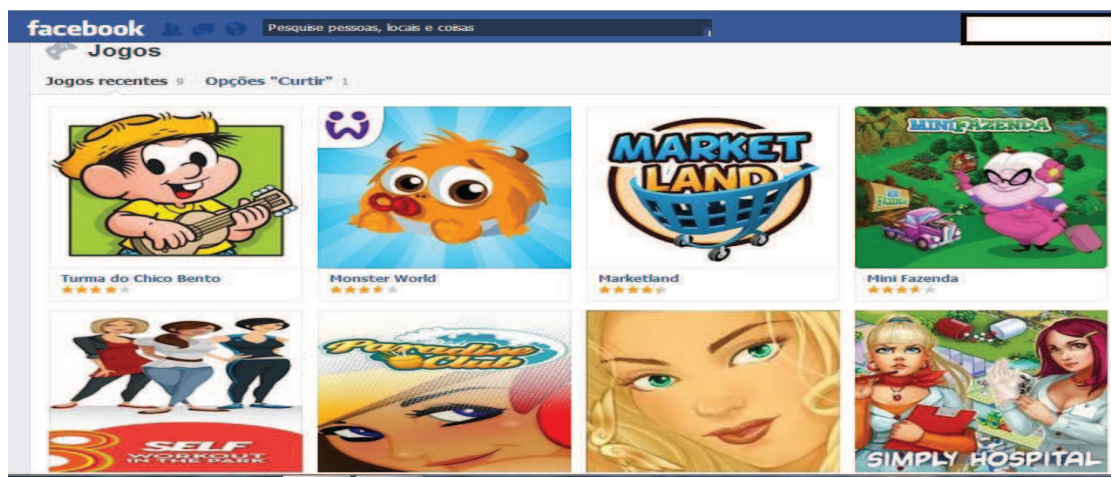


Figura 23 - APLICATIVOS MAIS JOGADOS PARA USUÁRIA PERFIL 6 NO FACEBOOK

Percebemos que a preferência das meninas pelos jogos que focam na beleza corresponde a imagem que a mídia apresenta como símbolos a serem valorizados na sociedade contemporânea, relacionados com a cultura do consumo. Por outro lado, as preferências dos meninos se relacionam como universo de valorização dos heróis dos desenhos animados e do cinema.

#### 4.5 Como o espaço escolar estar sendo representado pelas crianças no Facebook?

Iniciaremos esse tópico destacando-o como ponto relevante na pesquisa, reconhecendo o espaço escolar como um espaço privilegiado para formação, ensino e aprendizagem das crianças. É no espaço escolar que as crianças vivenciam as experiências da vida humana, referente à socialização e convivência, a escola foi e é para muitos o importante lugar de se aprender. As crianças passam boa parte de suas vidas dentro da escola, o tempo que a criança frequenta a escola é muitas das vezes bem maior do que o tempo que elas vivem em seus lares ou em outros espaços da sociedade<sup>7</sup>. Parece lógica essa afirmação, mas o nosso enfoque aqui não é o tempo de permanência da criança na escola e nem no ciberespaço, e sim percebermos em seus discursos (textos) como a escola é por elas representada; O que elas pensam sobre a escola? Como representam a escola em suas interações midiáticas

<sup>7</sup> Estamos considerando como as crianças que passam a maior parte do tempo na escola aquelas que têm uma rotina formal de atividades escolares, com carga horária devidamente registrada e comprovada superior ao tempo que elas acessam a *internet*.

nas redes sociais? Esses questionamentos nos levaram a refletir o papel e a importância dada à escola pelas as crianças usuárias do *Facebook*. As interpretações aqui dadas se basearam nos dados coletados sobre como espaço escolar vem sendo representado pelas crianças no universo da cibercultura.

Os dados (imagens) que foram possíveis de ser coletado durante a pesquisa, nos levaram a perceber que com o avanço e aceleração em que as informações circulam na rede mundial de computadores, as crianças estão dando pouco ou quase nenhum valor aos espaços escolares como espaço de promoção e construção de conhecimento.

Foi possível perceber através dos dados que as crianças usuárias do *Facebook*, consideram o espaço escolar, um espaço desmotivador, fora de seu tempo, pelas representações por elas dadas a esse espaço. Em todas as postagens (compartilhadas, curtidas, comentadas e publicadas) que foram observadas, é perceptível que as crianças demonstram não gostar tanto da escola e se referem a ela com sentimento de pavor, sendo escola o lugar onde menos querem estar. Esse pensamento infantil nos leva a inferir que a escola ocupa um lugar de pouca importância para as mesmas. Isso é estendido também às atividades que acontecem dentro da escola e da relação professor/aula/aluno. Talvez esse processo de significação dada aos espaços escolares, suceda pelo atraso da escola e das práticas nela exercida no que se refere ao uso das mídias sociais. As duas figuras abaixo, representam bem esse processo que mostra a falta de motivação da criança usuária (PERFIL 5) e da criança usuária (PERFIL 1) para com a disciplina escolar MATEMÁTICA:



Figura 24 - IMAGEM COMPARTILHADA SOBRE A ESCOLA DA USUÁRIA (PERFIL 5)

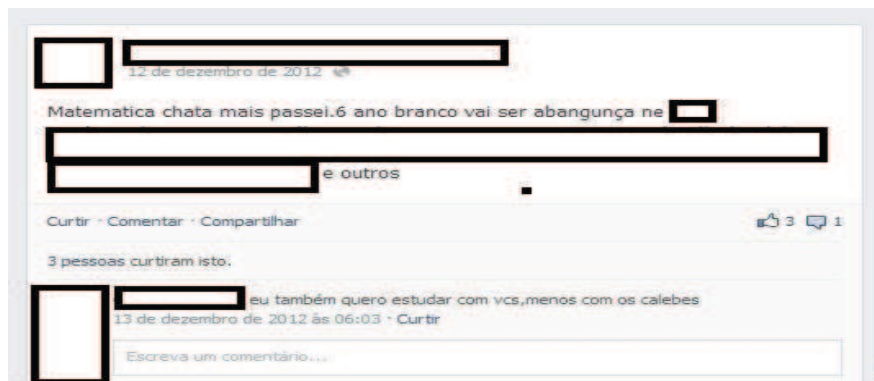


Figura 25 - FRASE PUBLICADA PELA USUÁRIA (PERFIL 1) SOBRE A ESCOLA

Muitas escolas em pleno século XXI, ainda trabalham em uma perspectiva individualista e linear, onde os conhecimentos devem ser repassados e não construídos em grupo. Os conhecimentos ainda são repassados de forma tradicional e mecânica, as crianças não ocupam lugar nessa construção e nem tão pouco são consideradas sujeitos sociais que constroem conhecimentos que produzem culturas. De forma geral as crianças representam no *Facebook* a escola como analógica enquanto elas estão conectadas com a cultura do seu tempo (digital).

No ciberespaço as crianças se sentem a vontade para comentar e colocar seu ponto de vista observamos que todas as postagens sobre o espaço escolar das crianças usuárias do *Facebook*, estão carregadas de humor, mas, em cada uma delas é possível interpretarmos que a criança concebe o espaço escolar como um espaço diferente do espaço virtual. E é nesse ponto que destacamos a falta de um trabalho na escola que seja intermediado pelo uso das redes sociais para o desenvolvimento da aprendizagem e da construção do conhecimento. As imagens seguintes exemplificam bem a forma de como a criança pensa e representa os professores:



Figura 26 - IMAGEM DO PERFIL 9 QUE MOSTRA A CONCEPÇÃO QUE ELE TEM DOS PROFESSORES



Figura 27 - IMAGEM COMPARTILHADA PELO PERFIL 6 SOBRE OS PROFESSORES

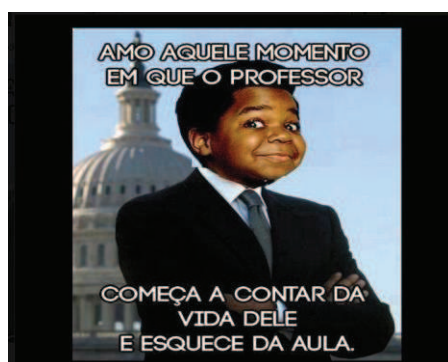


Figura 28 - IMAGEM PUBLICADA PELO PERFIL 9 SOBRE OS PROFESSORES

As figuras seguintes mostram o sentimento para com a escola que as crianças quiseram divulgar para os internautas conectados a elas no *Facebook*.



Figura 29 - IMAGEM POSTADA PELO PERFIL 8 QUE MOSTRA COMO ELE VER A ESCOLA



Figura 30 - IMAGEM COMPARTILHADA PELO PERFIL 5 SOBRE A ESCOLA

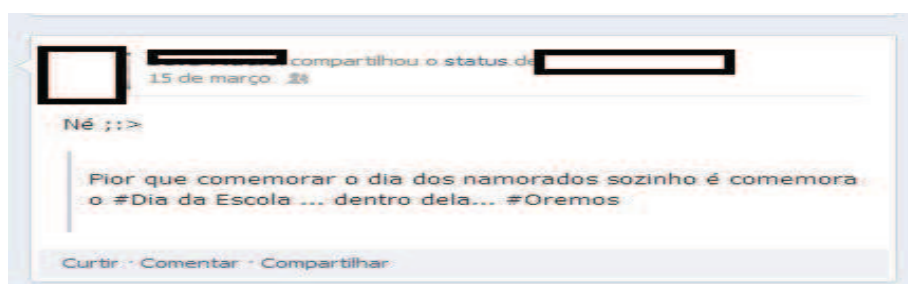


Figura 31- IMAGEM COMPARTILHADA PELO PERFIL 1 SOBRE A ESCOLA

Mediante as imagens, podemos pensar que o discurso sobre a escola das crianças pesquisadas no *Facebook* é um importante instrumento, pois revelam o sentimento que se tem sobre os espaços escolares no universo da *internet*, a escola deve conhecer a representação a ela dada no ciberespaço para que possa procurar a melhor forma de mudar essa concepção trazendo e fazendo uso desses artefatos tecnológicos na escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo permitiu-nos fazer inferências sobre o universo infantil das crianças pesquisadas e também visualizar o *Facebook* como um espaço de criação e produção de conhecimentos sociais válidos para o aprimoramento do ensino e da aprendizagem de nossas crianças na escola pública.

Não queremos afirmar com esse estudo que a escola precisa abandonar suas práticas pedagógicas, mudando radicalmente a metodologia e os instrumentos usados para o ensino e aprendizado. Nossa intenção é mostrar que as crianças já fazem uso desses espaços virtuais e neles elas estão interagindo e vivendo socialmente, queremos mostrar que a escola deve despertar para conhecer as redes sociais, e por meio delas aprimorar ainda mais o trabalho e a educação das crianças.

O estudo mostrou que a presença infantil nas redes sociais é inegável e que como usuárias do *Facebook* elas estão aprendendo dentro e principalmente fora da escola, que a cultura digital não é vivida apenas nas interfaces digitais, e nesse sentido não há porque desconsiderá-la nas práticas pedagógicas, mesmo sendo impróprias pelas as regras. Entendemos que a escola precisa considerar o que as crianças estão produzindo fora da escola, em seus diferentes relacionamentos; uma vez que esta produção aponta para o que elas estão considerando significativo e, nesse sentido, a escola tem uma contribuição, tanto em relação à desmistificação dos conteúdos culturais produzidos nas redes sociais, quanto na valorização das experiências construídas pelas crianças no contexto extra-escolar.

Todas as interpretações que foram possíveis na pesquisa pelas observações revelam que os modos de se comunicar apresentados pelas crianças nesses espaços virtuais nada mais é, do que a forma de socialização típica da cibercultura. As interações das crianças na rede produzem novas identidades infantis e revelam que a criança sai da posição de passividade para um processo de dinamicidade, do qual o uso de artefatos tecno - sociais são facilmente assimilados.

A escola precisa entender que o uso do *Facebook* pode ser uma experiência positiva, e com isto transformar o elemento social do *Facebook* em aprendizagens significativas e colaborativas, dando valor e reconhecimento da criança como um ser histórico, social e ativo da sociedade contemporânea.

As conclusões que chegamos através desta pesquisa estão longe de serem finalizadas e consolidadas. Portanto, não se esgotam nesse estudo, pelo que se pretende, com ele, dar

continuidade através de futuras investigações sobre as crianças usuárias de redes sociais no ciberespaço.

## REFERÊNCIAS

- ANGEL, Pino. “Infâncias e cultura: semelhanças e diferenças”. In: **Educação do Preconceito: ensaios sobre o poder e resistência**. Campinas. Alínea, 2004.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 4024/61**. Brasília: 1961
- \_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 5692/71**. Brasília: 1971.
- \_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa Sobre o Uso das tecnologias de Informação e comunicação no Brasil: tlc domicílios e empresas 2011**. São Paulo: CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acesso em: 20 de Julho de 2013.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. A etnografia virtual como caminho epistemológico e teórico-metodológico da pesquisa em ambientes virtuais. In: **VI Seminário Internacional – As redes educativas e as tecnologias**. FE/UERJ • 6 a 9 de jun. 2011.
- DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. UNESCO/ MEC.
- DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2000.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. **O Nome da Marca**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002 p.177-178.
- GADOTTI, MOACIR. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.14, n. 2, 2000.
- GUTIERREZ, Suzana de Souza. A Etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: **Reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 32, 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p.
- HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época contemporânea no ocidente**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KOHAN, Walter Omar. Infância e Filosofia. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. EditoraVozes, 2008, p.40 a 61.



KOZINETS, R. V. *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. London, Sage, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro. Educação Infantil: das práticas pedagógicas às políticas públicas. In: **Educação Infantil: das práticas pedagógicas às políticas públicas**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa, 2011.p.13 a 32.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 167-181, set./dez. 2012.

MONTARDO, Sandra Portella; ROCHA, Paula Jung. **Cartografia da utilização da mídia no espaço virtual em Novo Hamburgo**: proposta de referencial teórico in: *Gestão e Desenvolvimento*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**.

Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2003.

PATRÍCIO, Maria R; GONÇALVES, Vitor. 2010. **Utilização Educativa**

**doFacebook no Ensino Superior**.I International Conference Learning and Teaching in Higher Education, 1: 1 - 10. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>. Acesso em: 17de julho de2013.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo**. PA: Sulina, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vzlhvVHLE1s>>. Acesso em: 28 de junho de 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Olhares sobre a infância e a criança. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Editora Vozes, 2008, p.07 a 13.

SIMIONI, Darlei. Métodos da coleta de dados. Disponível em:

<<http://darleisimioni.blogspot.com.br/2010/09/metodos-de-coleta-de-dados.html>>.Acesso em 20 de julho de 2013.

VEEN, Wim & VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital.

(Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.